

Educação e obediência

RUY NUNES

Há muitos anos, pesquisadores norte-americanos procederam a uma investigação na Itália, a fim de apurar a razão pela qual havia nesse país menos delinquência juvenil que nos Estados Unidos e em outros países. A conclusão a que chegaram foi que tal fato se devia à vigência da autoridade paterna na vida familiar. A pesquisa pôs à luz uma verdade meridiana e elementar. No mundo dos homens, a primeira autoridade é a do pai de família, e os filhos, ainda imaturos e sujeitos ao jogo caprichoso dos impulsos, dos afetos, das fantasias e dos maus exemplos, precisam aprender a obedecer. O ideal, no entanto, é que se instaure entre as crianças e jovens a obediência inteligente, de tal modo que eles venham a descobrir que as regras sensatas têm um significado vital, e são importantes para o seu desenvolvimento, e que eles devem respeitar os pais, aceitar os seus conselhos, acatar as suas censuras e submeter-se aos castigos que lhes infligam para o seu próprio bem. A vivência da disciplina e a prática da obediência no âmbito familiar preparam, desse modo, o jovem para o exercício da cidadania, para o respeito às leis, para a convivência cívica e, o que é mais, para o autodomínio.

Se hoje, se assiste no mundo inteiro a um surto de rebeldia e revolta da parte dos jovens, isso se deve em grande parte à falta da educação conveniente no lar, desorientado pelos preceitos errôneos de pedagogos libertários que procuram sufocar a flor para obter o fruto, que cortam os pés de quem precisa andar e correr. Essa pseudopedagogia da escola velha do permissivismo, da preguiça e da moleza está a produzir a abundante messe, fertilizada, também, pela exploração econômica e pela opressão social, que traz o desassossego à vida familiar e pública, assim como aumenta constantemente os índices de criminalidade.

Se muitas famílias pobres, por incapacidade, não conseguem educar os filhos, e os pais não têm a ocasião e a serenidade para exercer a própria autoridade; e se muitas famílias ricas não o fazem por desídia, por inaptidão, por ignorância e comodismo, imaginando muitos pais que basta encher os filhos de dinheiro para que tudo corra bem, restaria a esperança de que a escola pudesse fazer algo em favor das crianças e dos jovens, habituando-os ao cumprimento do horário, à observância da disciplina e dos regulamentos. Como isso, porém, parece estar longe da realidade num imenso número de escolas! A razão dessa longura parece estar na incompetência e na irresponsabilidade de seus mentores e mestres, semelhantes a tantos pais na incúria educativa. O horário de entrada e saída das aulas e recreios, numa humilde escola de periferia ou numa grande universidade, é para ser observado à risca, e não para ser burlado sob variadas desculpas. Quando os alunos se acostumam a faltar às aulas sem nenhum sanção, quando se habitua a violar o horário, sem consequência de espécie alguma, então a escola não é séria, e esses pobres jovens estão a receber lições de marotagem, que eles passarão a generalizar para a sociedade inteira, e que seguirão de modo exemplar na sua vida profissional.

De nada servem leis excelentes, se as autoridades não velam pela sua execução, e de nada vale o sábio preceito, se quem o dá o desmente com a própria conduta. Por isso, escreveu com inteira razão o Santo Padre João Paulo II, na sua carta encíclica de 1979, O Redentor do Homem: "Para se poder servir os outros digna e eficazmente, é necessário saber dominar-se a si mesmo, e não se possuir as virtudes que tornam possível um tal domínio". Ora, o exercício da autoridade e a educação da obediência são serviços que os pais e os educadores devem prestar às crianças e aos jovens.

A palavra obediência vem do verbo latino oboedio, oboaudio, que significa dar ouvidos a alguém, seguir conselhos, submeter-se ao superior para o próprio bem. Daí a im-

portância básica da disciplina moral para a formação das novas gerações, e é por falta dela que vicejam na vida pública, quais cogumelos venenosos, os maus elementos de todas as espécies. Daí, também, a necessidade do serviço militar obrigatório, ao qual não se deveriam eximir nem trabalhadores nem jovens ricos ociosos, pois, na falta da educação devida, a ser ministrada pela família e pela escola, restaria a caserna onde, de modo mais rude, os jovens poderiam, pelo menos, habituar-se a regras e a horários, à disciplina, à obediência e ao respeito. Num país como o Brasil, isso talvez seja para muitos a tábua de salvação para a sua recuperação cívica e humana.

Um curioso sintoma da rebeldia e da falta de educação dos jovens aparece no uso da buzina, quando os condutores de carros, sobre serem arrojados e imprudentes, primam pela arrogância, pelo desprezo das regras e do próximo. A buzina existe nos veículos como um recurso dos seus condutores para dar avisos aos transeuntes e aos outros motoristas, recados de atenção, cuidado, cautela, perigo. O que acontece, todavia, na prática viária? Para muitos motoristas neuróticos a buzina serve de desafogo para os seus repentinos de ira, de pressa, de impaciência. Incapazes de se dominarem ou de voarem com os seus automóveis, descarregam os seus impulsos em buzinações atordoadoras. O sintoma curioso, porém, a que me refiro, é a atitude de muitos jovens que não admitem a buzinação alheia, devido à sua falta de prudência ou à sua temeridade que põe em risco a vida e a propriedade de outrem. Quantos casos se poderiam relatar de pessoas, particularmente de jovens que, ao escutarem a buzinação de advertência, por cometerem alguma cizana no trânsito, ficam enraivecidos com o buzinaador, e não só retrucam com insultos e buzinações prolongadas, como até mesmo se põem desatinadamente a cortar o caminho do outro carro, a ameaçá-lo de abalroamento, a perseguí-lo, quando não acontece o pior, e o tresloucado empunha uma arma e se põe a atirar. É claro que, tirantes os casos dos loucos e dos neuróticos que infernizam o trânsito, a maior parte dessas atitudes de rebeldia e de agressão é devida ao temor e à ira, quanto à advertência e à chamada de atenção. Em vez de o motorista alertado reconhecer a própria distração, imprudência ou erro, ele se alteia ofoguedado, indignado, e enraivecido contra quem lhe ousou chamar a atenção ou dar um aviso através da buzina. Nesses casos estamos diante das vítimas da falta de educação, de pessoas indisciplinadas, que nunca aprenderam ser bom reconhecer e corrigir os próprios erros, seguir os conselhos, e obedecer às ordens próprias ao seu próprio bem.

Outro fato, mais curioso ainda, é que as pessoas dessa espécie, quando se vêem guiadas a um posto de mando, fazem questão de ser obedecidas, não suportam desacatos, e querem exigir dos outros o que nunca souberam cumprir.

Que seria de um navio onde os marujos não executassem as ordens dos oficiais; de uma empresa onde os operários não observassem as regras do ofício ou de um país onde os cidadãos não quisessem respeitar as leis? O resultado de tal conduta seria a confusão, a desordem, a estagnação, o caos.

Um dos remédios para esse espírito de rebeldia, tão disseminado, é o culto da obediência inteligente, que deve começar na família, mas com a obrigação de os pais não confundirem o sereno exercício da autoridade com o despotismo. Trata-se de uma obediência que tenha por característica o amor do filho pelo pai, e vice-versa de tal modo que os subordinados estimem os seus superiores, e aprendam a ver nas suas ordens e nos seus conselhos diretivas ditadas pelo amor, pela bondade de quem deseja o bem e a felicidade dos seus dependentes. Só esse tipo de obediência é capaz de criar pessoas disciplinadas, cultas, educadas, livres de frustrações e ressentimentos, e capazes, por sua vez, de prestarem o mesmo serviço a outrem.